



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

SARA JAYANE FERNANDES DE MOURA

**MORTE E ALTERIDADE ENTRE AS PERSONAGENS HALLA E SIGRIDUR EM A
DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE**

**PATU
2020**

SARA JAYANE FERNANDES DE MOURA

**MORTE E ALTERIDADE ENTRE AS PERSONAGENS HALLA E SIGRIDUR
EM A *DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

**PATU
2020**

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M929m Moura, Sara Jayane Fernandes de

Morte e alteridade entre as personagens Halla e Sigridur em A desumanização, de Valter Hugo Mãe. / Sara Jayane Fernandes de Moura. - Patu, 2020.

44p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Morte. 2. Alteridade. 3. Halla e Sigridur. 4. A desumanização. 5. Valter Hugo Mãe. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

SARA JAYANE FERNANDES DE MOURA

MORTE E ALTERIDADE ENTRE AS PERSONAGENS HALLA E SIGRIDUR EM A
DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 08/ 12/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof^ª. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Francisca Lailsa Ribeiro Pinto

Prof.^a. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof.^a. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aos meus avós maternos (*in Memoriam*) pelo amor e cuidado. A falta que vocês me fazem inspirou este estudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) por essa oportunidade e os professores que compõem o Campus Avançado de Patu, e a bem como toda a administração e funcionários que desde a vigilantes, auxiliares de serviços gerais, funcionários dos departamentos que trabalham para manter funcionando mesmo durante a pandemia.

Em especial ao Departamento de Letras, e a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal. A prof.^a. Beatriz Ferreira por ministrar as disciplinas de Seminário de Monografia I e II, bem como nos orientar no pedregoso caminho da escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus colegas de classe, que durante esses quatro anos tornaram-se parte da família, todos têm um importante papel. Em especial Noemia, Maria Valberlania, Sabrina e Maria Clara, Siria, Walisson e Agnely e aos demais colegas por toda ajuda dada nesse momento decisivo em nossas vidas. Em especial a Sebastiana Braga (Ana), por sua amizade e carinho durante esses anos. A Mila, proprietária do estabelecimento Shara Xerox, por sua ajuda e compreensão quanto as dificuldades acadêmicas em relação às apostilas e às cópias.

Agradeço a prof.^a. Annie Figueiredo por aceitar o convite para me orientar nesta pesquisa e me inspirar a conhecer e se apaixonar pela Literatura Portuguesa, como também por ter me apresentado a essa sublime obra de Valter Hugo Mãe. Às professoras Lailsa Ribeiro e. Karoliny de Oliveira por aceitarem o pedido para formarem a banca para a contribuição desta pesquisa.

E a minha família, em especial a minha mãe Suelya, que lutou por mim, interpretando tanto o papel de mãe como o de pai. Ao meu pai, João, que sempre estava ao meu lado quando eu precisava. Às minhas tias e tios que sempre cuidaram e me incentivaram a seguir os meus estudos. Aos meus primos e aos meus irmãos: Samuel, Alana e Amanda que me ajudaram sempre que eu precisei. Mas principalmente aos meus queridos avós José e Terezinha (*in Memoriam*), que me criaram me mostraram o exemplo de amor que sobreviveram por 61 anos casados, quando enfim a morte os separou.

RESUMO

A morte provoca sentimentos distintos em cada ser, trata-se de uma experiência inevitável que também compõe a vida. Pois ao mesmo tempo que se sabe que um dia iremos perecer, sabe-se que um dia perderemos algo ou alguém que nos é querido. Pensando em tais questões, *A desumanização* (2017), de Valter Hugo Mãe, constrói uma perspectiva sobre o contato com a morte do outro. A narrativa conduz a personagem Halla a um processo de desumanização e reumanização através da vivência da morte de sua irmã gêmea, Sigridur. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar como a morte do outro afeta a relação de alteridade da protagonista. Desta forma, visamos compreender o sentimento de perda enquanto divisor de águas na existência da menina islandesa Halla, personagem cuja presente investigação se centrará. Para tanto, nossa pesquisa é de cunho qualitativa-interpretativa e tem como base os estudos sobre a morte e o luto de Philippe Airès (2012), Sigmund Freud (2011) e Byung-Chul Han (2020). Já em torno dos estudos acerca da personagem contamos com as contribuições de Cândida Villares Gancho (2001), Antonio Candido (1976) e Beth Brait (1985). Por esse viés, sublinhamos as relações de Halla - em sua transição para a fase adulta - que serviram na desconstrução de si mesma a partir da alteridade mais basilar do ser: a morte de quem amamos. A literatura desconstrói o tabu em torno da experiência da finitude, por esta razão o estudo e a investigação do romance de Valter Hugo Mãe se fez válido, seja pela humanidade que suscita, seja pela recriação de um futuro cuja lembrança da morte nos faz ser quem realmente somos: igualmente livres.

Palavras-chave: Morte. Alteridade. Halla e Sigridur. A desumanização. Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT

Death causes different feelings in each human being, it is an inevitable experience that also makes up life, while it is known that one day we will all perish, and it is certain that one day we will lose something or someone we care about. Thinking about such questions, the novel *A Desumanização* (2017), by Angola-born Portuguese writer Valter Hugo Mãe, builds a perspective on the contact with the death of the other. The narrative leads the character Halla to a process of dehumanization and rehumanization through the experience of the death of his twin sister, Sigridur. This research aims to analyze how the death of the other affects the protagonist's alterity relationship. In this way, we aim to understand the feeling of loss as a watershed in the existence of the Icelandic girl Halla, a character whose current investigation will focus on. Therefore, our research is of a qualitative-interpretative nature and is based on the studies on death and grief by Philippe Airès (2012), Sigmund Freud (2011) and Byung-Chul Han (2020). Around the studies about the character, we have the contributions of Cândida Villares Gancho (2001), Antonio Candido (1976) and Beth Brait (1985). Through this bias, we point Halla's relationships - in her transition to adulthood - that served to deconstruct herself from the most basic alterity of being: the death of those we love. Thus, literature deconstructs the taboo around the experience of finitude, for this reason the study and investigation of the novel by Valter Hugo Mãe became valid, be it for the humanity it evokes, or for the recreation of a future whose memory of death makes us to be who we really are: equally free.

Keywords: Death. Alterity. Halla and Sigridur. *Desumanização*. Valter Hugo Mãe.

SUMÁRIO

CONDIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1 - A ALTERIDADE DA MORTE E O SENTIMENTO DE LUTO.....	13
1.1 Luto e melancolia na relação familiar islandesa	14
1.2 A alteridade da morte entre as gêmeas Halla e Sigridur	22
CAPÍTULO 2 - MORTE E AUTONOMIZAÇÃO DE HALLA	29
2.1 O amor e o processo de autonomia de Halla	29
2.2 A autonomia pela morte e alteridade em prol da reumanização	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A morte provoca sentimentos distintos em cada ser, é algo inevitável na vida, ao mesmo tempo que se sabe que um dia iremos perecer, sabe-se que um dia perderemos algo ou alguém que nos é querido. Ademais, por se tratar de um tema sensível para o ser humano, que está além de seu entendimento, pois tudo que foge ao conhecido causa assombro por causa do teor desconhecido que a cerca, uma coisa que todos concordamos é que ela é um ponto de ruptura para os que se vão e para os que ficam. E para os que ficam, o sentimento de perda afeta a relação com aqueles que os rodeiam.

Para alguns, o fim da vida é visto como uma maneira de ascender ao desconhecido como uma forma de buscar uma continuidade além vida. Ao longo dos anos a humanidade tentou suprir o teor misterioso do pós-morte e cada religião, sobretudo do escopo cristão, buscou aplacar a dúvida crendo no paraíso para as almas que cumprissem todos os desígnios do divino e não pecaram, para os pecadores o destino seria o inferno. Há as vertentes que consideram a reencarnação das almas, enquanto outras acreditam na comunicação com os espíritos depois da morte.

Mesmo que definitiva para si mesmo, há apenas uma maneira de experimentar a morte: a perda de alguém próximo. Trata-se da alteridade máxima que leva o ser humano a descobrir a sua finitude antes da própria morte. Toda a ausência deixada pela partida traz consigo um sentimento que transforma a percepção do mundo que antes julgava ser completamente conhecido. A morte faz repensar a maneira como vivemos a vida, ou ainda, a perda pode nos levar a um percurso diferente cujos sentimentos provenientes do luto acarretam a um afastamento, tanto do convívio social, quanto a uma distinção própria do ser e estar no mundo.

É neste contexto existencial que se passa o romance *A desumanização* (2017) escrito por Valter Hugo Lemos, nascido na cidade angolana Henrique de Carvalho (atual Saurimo), no dia 25 de setembro de 1971. Mais tarde mudam-se para Portugal. Adotou “Mãe” por nome artístico em que seus livros-filhos são sua maior forma de habitar o mundo. Conhecido por suas obras que variam nas temáticas, criando personagens marcantes para conduzir a história e seus aspectos estilísticos que misturam a poesia na prosa. Publicou até agora sete romances, os seus quatro primeiros são conhecidos como “a teratologia das minúsculas”. O primeiro destes é *O nosso reino* (2004), mas foi com o segundo livro publicado, *O remorso de Baltazar Serapião* (2006), que ganhou o Prêmio Literário José Saramago de 2007. Publicou também livros infantis

e infanto-juvenis, como: *Contos de cães e maus lobos* (2018), *O resto da minha vida* (2003), *O paraíso são os outros* (2018) e *As mais belas coisas do mundo* (2019).

A desumanização, o quinto romance se sua trajetória, faz parte da nova fase da escrita de Hugo Mãe, em que “sai” de Portugal. Publicado em 20 de setembro de 2013, pela Porto Editora em Portugal, chegando ao Brasil no ano seguinte, publicado em 2017 pelo selo Editora Biblioteca Azul da Globo Livros, foi indicado ao Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa. A dedicatória deste livro está direcionada ao seu irmão Casimiro e ao cantor islandês e amigo Hilmar Örn Hilmarsson, este último apresentou a sua cultura a Hugo Mãe e o inspirou a escrever sobre a Islândia, também ganha um personagem no texto como o filho da narradora: “eu dizia o nome Hilmar e, de alguma impossível forma, protegia na boca o meu filho.” (MÃE, 2017, p.128). O romance apresenta uma combinação do lirismo poético e da assertividade da prosa, aspectos dramáticos da obra possuem caráter filosófico e psicológico nas relações e na convivência entre os personagens.

A partir desses aspectos elencados, o objetivo desta pesquisa é analisar como a morte do outro afeta a construção da personagem principal Halla e Sigridur em *A desumanização* (2017), de Valter Hugo Mãe. Desta forma, de maneira geral, visamos compreender o sentimento de perda enquanto divisor de águas na existência da menina islandesa, personagem cuja presente investigação se centrará. De maneiras específicas, temos o intuito de identificar como a morte está representada na obra partindo da relação das irmãs gêmeas, sobretudo quando Halla é afetada pela finitude de Sigridur; e de compreender como se dá a desumanização e reumanização da personagem principal, estando esse processo ligado a alteridade que faz surgir a liberdade e autonomia na narrativa.

A relação de alteridade entre as irmãs Halla e Sigridur se dá a partir da morte, demonstrando como a experiência do fenecer pode levar a uma outra percepção das relações humanas e a uma mudança de si mesma no mundo. Levar em conta como a perda do outro que se ama é um acontecimento transformador da vida, a primeira experiência com a morte da criança Halla a faz lembrar do fim da própria existência, pois uma parte de si também se vai com Sigridur.

Nosso intuito é entender de que forma o contato com a morte leva a protagonista a um processo de desumanização e reumanização. Investigar como a percepção da perda do outro pode modificar a visão da sociedade e de si mesmo dentro do encontro com quem somos: seres sociáveis que em liberdade sabemos que precisamos do outro para viver. Nesse sentido, podemos perceber cada vez mais, na contemporaneidade, o individualismo exacerbado que acaba nos fazendo desconsiderar o outro em sua maneira distinta de ser.

Nosso estudo é de cunho qualitativo com um enfoque interpretativo-crítico, tendo como base os estudos de viés psicológico-filosófico e uma retomada história de como se deu/dá a relação do humano com a morte. Enfocando as características que compõem a narrativa, especialmente no que concerne a categoria personagem. Tivemos como suporte teórico os estudos do historiador francês Philippe Ariès, em *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias* (2012), pesquisa como morte foi vista através dos tempos, desde o leito de morte até a visão ligada ao *post mortem*. Dessa maneira, demonstrou tanto em uma percepção histórica com base em documentos da época, quanto ao uso de clássicos da literatura.

Além disso, utilizamos as contribuições do austríaco Sigmund Freud, precisamente seus estudos presentes em *Luto e Melancolia* (2011), no qual considera o luto e suas características, bem como a semelhança com a melancolia. Além de Ariès e Freud, fizemos uso das ideias do filósofo sul coreano Byung-Chul Han em *Morte e alteridade* (2020). Ao considerar a visão da morte do outro e como esta pode levar a uma reação distinta, Han afirma que esta pode transformar o ser e sua vida, para isso toma como base os estudos de Immanuel Kant, Martin Heidegger, Emmanuel Lévinas e do romancista búlgaro Elias Canetti. Han pensa a construção do “ser-com” o outro no mundo e a ruptura máxima causada pela morte desse outro.

Considera os aspectos que constituem uma narrativa, Cândida Vilares Gancho em *Como analisar narrativas* (2001), aponta a importância para o processo literário, abordando de maneira simples e de fácil compreensão noções sobre os operadores que estruturam a narrativa. Também focando na categoria personagem, para isto considerando conjuntamente os estudos crítica literária Elisabeth “Beth” Brait em *A personagem* (1985), estudamos como são constituídas as personagens, Brait teve como base os estudos de E. M. Forster, Georg Lukács, Étienne Souriau e Vladimir Propp. Traz reflexões enquanto a categorização da personagem em sua densidade psicológica, bem como as ações que desempenham no decorrer da narrativa, a construção considerando o papel em relação ao narrador e sua focalização.

Para complementar nosso enquadramento teórico, trouxemos o sociólogo e crítico literário Antonio Candido em *A personagem de ficção* (1978). Candido apresenta a personagem como um ponto principal no qual se forma o texto, somado ao enredo e as ideias, representando o significado técnico, a complexidade do ser ficcional carrega aspectos que coincidem com a psicologia do humano real, e como ela é abordada pelos romances. Seguir a vertente dos estudos literários, temos *A interpretação da obra literária* (1988), do professor e historiador em literatura brasileira Alfredo Bosi, que considera a interpretação e seus valores ideológicos sob o que se quer dizer com os aspectos semânticos empregados pelo autor, bem como a perspectiva e o tom atribuídos ao texto.

Seguir pela trilha temática, tem-se a percepção de como a perda do outro pode modificar a visão sobre o que é a sociedade e o que é o “si mesmo”, dentro da ideia de que somos seres sociáveis e precisamos do outro para viver. Por isso podemos perceber que cada vez mais o ser humano, como esse ser social, vem perdendo a empatia com relação ao seu semelhante, ao ponto de descartar a vida do próximo. Com isso, a morte se tornou um assunto banal e corriqueiro para a sociedade, ao ponto de desconsiderar ou até mesmo julgar a dor do outro diante da morte de quem se ama.

Este trabalho é composto por dois capítulos, sendo cada um deles dividido em dois tópicos. No primeiro capítulo – **A alteridade da morte e o sentimento de luto** –, abordamos no *1.1 Luto e melancolia na relação familiar islandesa*, o contexto de produção que levou ao romance *A desumanização* (2017); como a Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974 possibilitou uma nova fase para a literatura portuguesa, esse momento de abertura democrática na ficção inspirou Valter Hugo Mãe. Em seguida, discorremos sobre a relação entre o luto e a melancolia evidenciada, sobretudo, nos pais da protagonista Halla, analisamos como eles lidam com tais sentimentos. Já no tópico *1.2 A alteridade da morte entre as gêmeas Halla e Sigridur*, tratamos da relação das gêmeas nos momentos antes e depois da morte, como se dá a alteridade que Halldora experimenta através da morte de Sigridur; como a ausência causada pela morte da irmã, somada ao sofrimento relacionados aos pais, a coloca em um processo de desumanização.

No segundo capítulo, **A morte e autonomização de Halla**, possui como primeiro tópico *2.1 O amor e o processo de autonomia de Halla*, nosso foco recai sobre a relação com o personagem Einar e a segunda grande perda sofrida por Halla, a perda do seu filho, tais vivências possibilitam a força necessária fazendo Halla iniciar seu processo de autonomia e reumanização. Já no último tópico *2.2 A autonomia pela morte e alteridade em prol da reumanização*, investigamos o momento em que Halla deixa a casa dos pais e passa a morar com Einar, fazendo as pazes com os pais e com a morte a irmã.

Assim percebe-se que a personagem Halla, no decorrer da narrativa, entra em um complexo processo de desumanização e reumanização, este processo tem como ponto inicial a morte de sua irmã gêmea Sigridur, sua outra metade, com isso podemos perceber que a percepção de finitude do outro vivida durante a tenra idade levou Halla à perda de certas particularidades humanas, ao ponto de certas ações da protagonista aparentarem ser animalizadas, recurso fundamental para pensarmos o que nos torna humanos. Com isto, percebemos a importância do outro para a formação do eu e como a forma que recebemos a perda encadear consequências sérias, para isto foi preciso considerar atentamente a personagem Halla esta é a ação fundamental para a humanização dos seres.

CAPÍTULO 1 – A ALTERIDADE DA MORTE E O SENTIMENTO DE LUTO

“Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco” (MÃE, 2017, p. 22)

Quando se fala em pesquisa em literatura consideramos a integridade do texto enquanto objeto, priorizando a forma escolhida pelo autor e tratando a visão implícita em seu texto, para assim, interpretarmos alguns aspectos psicológicos e filosóficos. Segundo Durão (2015, p. 382) “a ideia possibilitadora da pesquisa em literatura é a do artefato não saber tudo de si, que é constituído de algum tipo de não-identidade interna”. Trata-se de considerar o texto a partir de uma postura científica e ao mesmo tempo procurar entender os aspectos filosóficos produzidos sobre a morte, bem como considerar a crítica temática usando a psicanálise para entender o que Valter Hugo Mãe representa em suas produções, para assim entender o porquê da visão adotada no texto. Dessa maneira, “desvelar-lhe a coerência latente” (BERGEZ, 2006, p. 111).

A dor pela perda do outro foi o que inspirou Valter Hugo Mãe, sendo está a experiência que motivou a escrita de *A desumanização* (2017). As perdas podem modificar a vida cotidiana, como iremos demonstrar neste capítulo, a morte dá origem a experiência do luto que pode levar a um grau de desalinho interior, mais precisamente à melancolia. De acordo com Freud (2011, p. 47), a melancolia vem seguida por uma falta de interesse sobre o mundo, com isto uma queda da auto estima e do amor para si e os outros. O luto acarreta os mesmos traços da melancolia, exceto quanto a perturbação em nível patológico que esta última causa nos sentimentos.

Outra distinção surge quanto ao luto e a melancolia, o primeiro é uma consequência a uma perda definitiva. A melancolia pode ser causada por uma perda em definitivo e/ou por uma separação não necessariamente associada a morte. Quanto a cura no que concerne ao luto e melancolia, Freud (2011) a relaciona com o tempo, para o sentimento passar, até mesmo os sintomas mais obsessivos, necessita-se de tempo. Quanto a relação da alteridade com a morte o filósofo Han (2020) apresenta um sentimento que se relaciona ao “ser-com” baseando-se nos estudos de Heidegger (1927), a existência considerando a morte como momento decisivo de descoberta: “A morte não é simplesmente sofrida. Ela não é determinada pela passividade, mas sim pela atividade. Não se é morto. A morte é ‘possibilidade extrema’ de ‘entrega a si mesmo’”. (HAN, 2020, p. 121).

É com a transformação advinda pela morte da irmã Sigridur que a protagonista Halldora (Halla) tem que lidar. Antes vivia acompanhada pela irmã e cercada pelos pais amorosos. Já

com a morte dentro desse núcleo familiar, ela torna-se única (antes era duplicada) e passa a ter que lidar com os seus pais, estes bastante feridos pela perda. Nesse sentido, ao longo deste capítulo, apresentaremos como a morte atravessa a família das gêmeas islandesas, considerando a recepção da finitude de maneira individual, analisaremos como os pais lidam com a morte. Dividido em dois tópicos o primeiro deles consideraremos os pais como passa a ser a relação deles com a filha que fica. No seguinte, investigaremos como as irmãs se relacionam através da morte. Como Sigridur passa a ser vista sob a perspectiva da morte e como a protagonista Halla lida com a perda da irmã.

1.1 Luto e melancolia na relação familiar islandesa

A Revolução dos Cravos trouxe um sopro de liberdade para os Escritores Portugueses que após quarenta anos, sob as rígidas regras impostas pela ditadura, puderam ser publicados, uma vez que no período do Estado Novo a censura priorizava os clássicos da literatura, fazendo com que os novos autores ficassem impossibilitados de produzirem fora dos padrões estabelecidos. Esse foi um dos vários motivos que fez surgir o levante contra o autoritarismo português na década de 1970. O importante momento de abertura democrática deu início à nova fase da literatura portuguesa, possibilitando-a se desprender de velhos fechamentos estruturais e temáticos, como afirma Reis:

O olhar que hoje podemos lançar sobre a ficção portuguesa posterior a 1974 há-de ter em conta necessariamente a projeção sobre essa ficção de tudo o que uma brusca mutação política implica e, no seu contexto, as consequências arrastadas pela supressão dos mecanismos repressivos que impediam sobre a criação literária. (REIS, 1994, p. 169 *apud* ROANI, 2004, p. 16)

Como o próprio Roani (2004) soma-se à fala de Reis (1994), a ficção portuguesa não foi influenciada apenas pelos eventos pós-Revolução, mas também se dá como uma íntima vinculação existente entre as transformações políticas e sociais ocorridas no ano de 1974 e na novíssima ficção das últimas décadas, na qual se situa Valter Hugo Mãe. No entanto, é inegável que há uma relação de causa-efeito entre o cenário político e as produções após o 25 de Abril, mas tal literatura não se dá como uma consequência direta, vem também de um período de efervescência, isto é, de incontáveis romancistas que pretenderam criar outro patamar literário lusitano: o da reescrita da história oficial de Portugal.

Dessa forma, surge uma ampliação da noção de literatura portuguesa, buscando a caráter inédito acerca da produção de seus textos, teve como um dos aspectos centrais a reconstrução de universos a partir do tema da Guerra Colonial entre Portugal e as colônias africanas, dando vozes, através da ficção, às barbaridades desse fato histórico. Além disso, houve o fortalecimento da escrita feminina, foram atribuídos espaços que antes lhes foram negados, mostrando através das próprias mulheres o sofrimento sentido no passado ditatorial.

Com o propósito de trazer novos olhares para a história, recriou-se o passado português, demonstrando complexidades da realidade via aspectos da vida cotidiana, trazendo assim uma visão crítico-combativa. Sobre isso Roani (2004) defende que a valorização da fabulação narrativa, da metaficcionalidade, da intertextualidade e do diálogo do sistema literário com outras áreas de conhecimento e outras artes. Buscando distintas tendências de liberdade e autonomia nas expressões literárias. A realidade é mostrada através da ficção, como uma forma de refletir sobre os passados desconhecidos. Durante estes anos se fortaleceram nomes como: José Saramago, Lídia Jorge, Antônio Lobo Antunes, Teolinda Gersão, Al Berto, Augustina Bessa-Luís, Maria Teresa Horta, e entre outros, puderam todos nos contemplar com os seus textos cuja liberdade se fez presente.

Esses nomes influenciaram a novíssima geração que lemos hoje, da qual Valter Hugo Mãe, um escritor que “viu a luz da vida em Angola, foi criado em Portugal e se tornou amante do Brasil”, como descreve Leandro Karnal na apresentação de *A desumanização* (2017), romance *corpus* deste estudo. Valter Hugo Mãe é multifacetado e apaixonado por várias artes. Atua como artista plástico, fotógrafo e apresentador, mas foi/é na literatura que se destaca mundialmente. É um dos muitos autores que foge dos padrões tradicionais, sua escrita é, portanto, cheia de experimentalismos advindos do lirismo e das metáforas utilizadas em suas histórias marcantes que fazem pensar na vida cotidiana, sensibilizando e encantando seus leitores.

Quanto ao romance *A desumanização* (2017), ele se divide em duas partes; a primeira retrata o período anterior à metamorfose da protagonista Halldora, a segunda mostra o momento após sua metamorfose. Outro ponto que também chama atenção é a maneira como o autor constrói as suas personagens, estas se mostram fortes ao passarem por situações que as modificam e as transformam; elas são como o símbolo místico da fênix, que passa por grandes provações, mas sempre consegue se reerguer. Hugo Mãe, em sua obra, não se prende a um local específico para a ambientação das suas histórias, percebemos isso em *Homens imprudentemente poéticos* (2016) que se passa no Japão e em *A desumanização* que é marcado pelo universo islandês.

O autor durante suas viagens se apaixonou pela paisagem deslumbrante e gélida, pelos fiordes. O amor e o impacto inspiraram-no a escrever esta ficção que por ora nos debruçamos. Foi sobre aquela “estranha ilha, a Islândia – engolida durante muitos meses de cada ano por negras tempestades, embora dotada no verão de uma beleza selvagem e brilhante, erguendo-se imponente e sombria no Oceano Nórdico.” (BULFINCH 2002, p. 402). Assim, foram nessas paisagens que sobreveio a inspiração para o enredo de *A desumanização* (2017) e para a sua *Bildudalur*.

Em virtude da natureza extraordinária, Hugo Mãe mostra nesse romance a singular beleza e imponência das paisagens da Islândia, sendo por esta e outras razões que o autor e a própria cultura islandesa a considera uma divindade. De acordo com Branco (2016, p. 277), “a Islândia se engrandece pela beleza ímpar dos fiordes que nos obriga ao constrangimento do sublime”, este sublime que transcende o humano mostra ali deuses por meio das forças da natureza, sendo benevolente e justo e ao mesmo tempo poderoso e avassalador. Em meio a isto, temos o grotesco presente nas violências sofridas pela narradora-protagonista Halla.

A história se passa em uma ilha islandesa localizada no mar frio do Norte, cheia de mistérios e marcada pelos fiordes, cercada por vulcões. Essa paisagem chama atenção pelas nuances que compõe uma geografia ímpar. Cheia de belezas e de uma cultura riquíssima, a Islândia é responsável por resguardar uma das mitologias mais conhecidas do mundo, a nórdica. Apesar disso, o que fascinou o autor foram as pequenas coisas/ações que marcam o cotidiano, no qual os novos (presente) e velhos (passado) costumes se mesclam. Há um aspecto conflituoso nos tempos atuais, enquanto tenta-se preservar a cultura materna não há como desconsiderar a influência que outras culturas trazem. Pensando nisso, Halla narra:

Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada àquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. O meu pai, revoltado, achava que teria sido melhor haverem-na deitado à boca de deus. [...] Disseram-me que talvez a criança morta tivesse prosseguido no meu corpo. Prosseguia viva por qualquer forma. E eu acreditei candidamente que, de verdade, a plantaram para que germinasse de novo. Poderia ser que brotasse dali uma rara árvore para o nosso canto abandonado nos fiordes. (MÃE, 2017, p. 17)

O excerto evidencia a ruptura no momento em que o corpo de Sigrídur é enterrado, é nesse momento parece que a morte se torna mais real. É depois de plantar a irmã no chão que a realidade de Halla finalmente ressurgiu trazendo a certeza que de agora em diante aquele ser amado não retornará mais ao convívio familiar. A partir dessa cena principia o romance: o

enterro da jovem islandesa, Sigridur. O sentimento de luto se instaura e é percebido nesse instante o peso da tristeza e dor de uma perda. É a partir da narradora-protagonista Halla que esse momento ganha um sentido singular, o de plantá-la, sendo essa uma forma de fazê-la renascer. O corpo idêntico ao seu virou semente, isso traz a ideia de que não há partida em definitivo, uma vez que uma parte de que se foi ainda vive entre seus familiares, sobretudo nas lembranças, na saudade e nas marcas existenciais que deixou. Halla pensa trazer uma parte de Sigridur em seu corpo, a partir da morte, a metade da irmã vive nela tornando-a sua responsabilidade.

O convívio da família é modificado através dessa morte, passando a haver desavenças no lar. A recepção da partida da filha também pode ser associada à luta entre os velhos costumes pagãos e as tradições ocidentais, podemos ver tal luta entre as duas maneiras de se despedir do corpo, na dúvida entre enterrar ou arremessar à boca de deus (jogar o corpo no abismo). Dessa maneira, para os islandeses, “jogar à boca de deus” significa entregar o morto para a natureza, sendo um meio de libertá-lo da responsabilidade de carregar duas almas. Ao mesmo tempo em que enterrar, como cita o antropólogo francês Philippe Ariès (2012), era uma forma de manter a identidade e a memória, para que possa visitá-lo. Para tanto, estas duas formas diferentes de funeral mostram como cada cultura lida com os mortos, também a forma que a família escolhe atravessar a dor da perda.

Apesar do sofrimento na família em virtude do luto em *A desumanização* (2017) é especialmente a mãe que sente de maneira intensa a morte de Sigridur, pois ela carregou durante meses a filha em seu ventre, deu-lhe a vida e prematuramente a perdeu. Vivenciar essa morte fragiliza ainda mais a saúde da mãe. Por essa via, Freud (2001, p. 47) defende que a perda de alguém pode levar a um estado emocional em que cai o interesse em toda e qualquer coisa, a não ser pelo objeto amado. É exatamente isso que acontece com a mãe, os seus sentimentos acabam levando-a ao autoflagelo e a agressividade destinada à sua outra filha, Halla. Diante disso, a mãe perde muitas vezes a noção do mundo que a rodeia. Tudo o que antes existia se foi com Sigridur, restando apenas a dor junto com a culpa por não poder salvar a sua filha:

Devas morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. [...] Quando acordei, a minha mãe desfizera-me um mamilo. A pele falhava. O sangue já seco não escondia os cortes. As dores eram profundas. A minha mãe disse-me que precisávamos de sacrificar o coração. Não sentir e não temer. Ter medo era um egoísmo insuportável. Eu gritei. Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe diabo. [...] O meu pai salvou-me muito. Subiu a mão pesada sobre o rosto da minha mãe e desceu. Bateu-lhe. Talvez fosse a primeira vez. Ela aninhou-se. Era como se emagrecesse dez quilos de um só sopro. Vazia. Choramou igual a uma coitada. Por ternura,

ajoelhei-me e abracei-a também. Estávamos todos por semelhante tristeza. (MÃE, 2017, p. 47-48)

Além da perda da irmã, Halla padece por causa da agressividade materna, os sentimentos melancólicos passam a crescer dentro dela. Ainda que seu pai tente em vão lhe consolar, mesmo que suas ações demonstrem o contrário, é em meio a tudo isso que ela tenta superar a perda da irmã, a sua outra metade. Oprimida por estas reações, sua vida gira em torno da dor individual e também coletiva quanto ao sofrimento de sua família, aumentando cada vez mais o medo de morrer como a sua irmã gêmea. No trecho acima é evidente a dor e o desespero sentido pela mãe da personagem principal. A ideia da solidão da filha a aflige mais do que a perspectiva de outra morte, isto a envenena de tal maneira que quando alcança o ápice do desvario pela dor, ela perde a razão e arranca o mamilo de Halla, esse ato violento denota um ataque à maternidade, o mamilo como símbolo de nutrição, vida, metaforiza a fonte de alimento e carinho. Ao atacar isso em Halla ela visa a negatividade de sua família, para que não mais procriem e feneçam como Sigridur, seria uma espécie de sacrifício voltado à morte.

A sinestesia presente na passagem anterior nos faz sentir a dor de Halla, ela fica com uma mistura de sentimentos, há raiva da mãe, revolta com a dor do luto e desamparo. Isso gera uma confusão de sensações dentro desta menina de onze para os doze anos. Os laços entre mãe e filha se rompem. Ela passa a ter responsabilidade em levar a memória de Sigridur quando o pai retorna e se informa dos acontecimentos há outra demonstração disparatada de sentimentos em torno da perda, porém desta vez por parte dele, havendo outro ato de agressividade, tendo a esposa como alvo. A mãe violenta a filha, e o pai agride a mãe, essa família despedaçada pela morte é o núcleo central desse romance. A agressão na mãe pareceu libertar algo dentro de Halla, ao ver sua mãe naquele estado ela desperta dentro de si um posicionamento maternal que estava profundamente enterrado em si. Sobre a mãe, podemos dizer, a partir de Freud (2011, p. 49) que “essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. O normal é que vença o respeito à realidade.”, ao passo que a mãe não se importa com a filha viva, ela não aceita a morte de Sigridur.

Esse foi o acontecimento que marcou o ápice da intriga entre mãe e filha, com agressões psicológicas e físicas que sofreu como o ato brutal de mutilar seu corpo, uma grande revolta surge em Halla. Sobre o momento anterior pouco se sabe sobre a relação entre as duas personagens, apenas sabemos que a mãe sempre teve uma saúde frágil e tocava piano. Com mais frequência são descritos momentos difíceis relacionados à mãe, podemos citar a sua

constante autoagressão e os acessos de raiva, descontando em todos e em qualquer objeto que esteja ao seu alcance, contudo as agressões são mais frequentes na filha. A mãe enxerga em Halla a imagem da sua filha amada Sigridur.

Trata-se de um conflito ambivalente, não conseguindo lidar com os sentimentos conflituosos a mãe se autoflagela, ela pune o objeto amado que gerou, Halla. Dessa maneira, a matriarca acaba por ter uma prática narcísica em que sua perda se sobrepõe ao resto em termos de importância: “uma parte das características da melancolia é tomada de empréstimo ao luto e outra parte do processo de regressão da escolha narcísica de objeto ao narcisismo” (FREUD, 2011, p. 65). Nessa perspectiva, o ego (“eu”), no momento do sofrimento, fecha-se em sua dor, para ele apenas existe a sua perspectiva, sua visão unilateral e o seu sentir. Neste sentido, a dor da mãe pela perda da filha ofusca o que há ao seu redor, pois o que importa são os seus sentimentos.

Figura materna fecha-se em um mundo próprio, simultaneamente querendo que todos sintam o seu sofrer, ela quer que Halldora passe a viver apenas em função da memória de Sigridur. a relação entre mãe e filha acaba enfraquecida e são constantes os desentendimentos, a filha ainda guarda certo carinho e respeito pela mãe, pois como a maioria dos filhos, ela também busca amor e aceitação.

O relacionamento entre mãe e filha é o principal foco para o autor demonstrar como o luto afeta e modifica a vida cotidiana das famílias. Sendo a matriarca a mais afetada dos personagens por esse luto. Ela traz ações que podem surpreender o leitor, por ser avessa ao esperado da figura materna, uma busca rápida no dicionário e somos apresentados a esta definição: “pessoa que dispensa cuidados maternos, que protege, que dá assistência a quem precisa” (HOUAISS, 2009, p. 1214). Em *A desumanização* (2017) nos é apresentada uma visão avessa ao comumente esperado. Vemos a complexidade do sofrimento materno, pois afeta a sua *psique*; a partir dessa Hugo Mãe considera a importância da figura materna para a história da humanidade e como a dor da perda de uma filha transforma a vida da mãe.

Halla enfrenta vários desafios em sua tenra idade, a dor de perder alguém próximo, o desamor e ofensas maternas, mas uma pequena luz de esperança fica em seu caminho, é seu pai, seu porto seguro em meio a um mar de sofrimento. Aquele que a acalenta com suas palavras, defendendo-a em seus braços. Desse modo, em um de seus momentos de tristeza, era a presença paterna e seu afeto que ela buscava mesmo que este se apresente de forma difusa:

O meu pai ajoelhou-se perante o meu corpo aviltante e chorou. Acalentava o desejo claro de que todas as coisas se corrigissem. Rezava pela correção de

todas as tropelias, surpresas más, erros de pressa ou enganada decisão. O meu pai fora feliz, anos antes, jovem, apaixonado pela minha mãe, no tempo do piano, quando ela tocava e se vestia melhor, achava-se bonita, tinha futuro. Um futuro a definir. Ajoelhado ao meu sofrimento, era agora um homem encurralado. Impotente. Com os nervos a toldarem-lhe as ideias. Ainda generoso, mas confuso. Não escapava de si mesmo. Andava singular, e singular se predava, se abatia. Sozinho, o meu pai seria suficiente para se consumir. Para se acabar. (MÃE, 2017, p. 94-95)

Ao se vê desesperada com dores, Halla sai em busca de ajuda, o seu primeiro pensamento é procurar o pai, não o achando em casa sai sob a chuva. Ao decorrer de certo tempo, Gudmundur encontra a filha desfalecida no chão, ele teme pela sua vida ao mesmo tempo em que é assombrado por traumas relacionados à morte do próprio pai que se deu de maneira semelhante. Do que narrou Halla percebe os sentimentos do pai, pois mesmo que demostre carinho pela família ele é apresentado como um homem sério, como se carregasse o peso no mundo em suas costas. O choque em ver a filha nesse estado o leva a reavaliar suas ações e mais uma vez Hugo Mãe demonstra de maneira pungente o sofrimento, por meio da dor que este homem sente, como se o desespero por um ser amado que sofre fosse também sentido pelo leitor.

Por meio desse episódio conhecemos um pouco mais da personalidade dos pais da narradora-protagonista, como eram antes da tragédia. Para o pai, mesmo a família sendo o seu alicerce, seus afetos são muitas vezes esporádicos, assim, como a sua companheira, a imagem Halla lhe causa certo sofrimento com o qual não sabe lidar, como seria o esperado do provedor do lar, se pensarmos nos arquétipos familiares. A profissão de Gudmundur é pescador, por causa disso passa muito tempo longe de casa, esta é uma das razões que o leva a se distanciar do convívio mais próximo com sua esposa e filha.

Também considerado um poeta, Gudmundur é responsável por vários momentos de ensinamento como: “o inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso.” (MÃE, 2017, p. 24), trazendo a ideia contrária ao Existencialismo do filósofo francês Jean-Paul Sartre em sua peça de teatro *Huis clos* (1945) que contém a emblemática colocação: “o inferno são os outros”. Para Sartre a tensão da humanidade está na relação entres os seres, Sartre considera o outro como inferno, pois em vários momentos, existem conflitos na convivência. Já Hugo Mãe apresenta o outro como paraíso, a relação com outrem permite existirmos no mundo e mais, compreendermos o que nos cerca. As palavras do pai de Halla são intimamente líricas: “a Islândia era deus a beleza de deus” (MÃE, 2017, p. 39). Para traduzir a divindade Islândia que é também vida.

Na narrativa há um embate entre os pais sobre a criação das filhas, suas personalidades e o luto. A mãe é configurada como sendo a mais sentimental do casal, sua natureza sensível que outrora tocava piano demonstra sua vulnerabilidade e por causa disso ela é quem mais sofre com a morte de Sigridur. E por decorrência dessa maneira de sentir ela confunde os seus sentimentos, levando a agir com brutalidade. Violentar Halla foi a forma encontrada por ela para extravasar as emoções que a sufocam. Seu luto evolui para o que Freud (2011) denomina melancolia, perdendo o contato com a realidade.

Já o pai é mais sutil em sua maneira de demonstrar o sofrimento, os poemas que escreve são os meios para externar seus sentimentos, neles utiliza-se de metáforas para lidar com o cotidiano e explicar os mistérios da vida. A figura paterna acaba guardando para si a dor, isso contribui para aliviar o sofrimento de Halla. Desse modo, o autor mostra a complexidade humana através destas diferenças entre os pais, nem sempre o que se apresenta na superfície do ser é o que ele realmente sente.

Outra diferença entre ambos é como eles vão processar o luto, enquanto a personagem mãe, pela culpa, se prende a sentimento de ódio e revolta, culpando Halla, o personagem pai possui uma trajetória do luto mais discreta. Em silêncio ele prossegue com a sua vida cuidando dos afazeres e da família, justamente como nos apresenta Nascimento (2016, p. 298): “as personagens reagem de maneira diferente, por isso o tempo do outro e cada uma delas varia de acordo com a intensidade e ruptura dos laços e do modo de ver o mundo.” (2016, p. 298).

Essa diferenciação traz a complexidade, nos remete a uma pluralidade de maneiras de sentir a morte, esses personagens têm uma função essencial, a de consolidar a narrativa: “a personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas” (CANDIDO, 1976, p. 8). Com base na categorização tradicional podemos classificar o casal de personagens como redondos/esféricos, pois “apresentam uma variedade maior de características” (GANCHO, 2001, p. 8). Ambos trazem atributos diversos e quanto ao lado psicológico são densos. Gudmundur em seu papel como poeta e seu modo de enxergar o mundo traz alguns aspectos ideológicos, já na mãe é aplicada algumas marcas de antagonista por suas constantes interferências no processo de luto e autonomização de Halla.

Para tanto, os dois estão em segundo plano enquanto personagens na narração de Halldora, por esta razão são apresentados sob o signo familiar que ocupam. O nome do pai apenas é revelado pelas pessoas da vila. Os pais representam “o jogo de força opostas que estão presentes em uma obra.” (BRAIT, 1985, p.49). Quanto a função de *agente de ação*

desenvolvida por E. Souriau e W. Propp, que se divide em seis categorias: condutor de ação; oponente; objeto desejado; destinatário; adjuvante e árbitro ou juiz. Vemos a mãe agindo como oponente, ela predispõe o conflito; já o pai é o juiz, pois intervém nos atos afins de resolvê-los. “A figura de Gudmundur representa refúgio e aprendizagem. A singeleza com que convive com a perda torna o processo de luto mais leve e aceitável” (NASCIMENTO, 2016, p. 301). É inegável a importância que os dois personagens possuem para a narrativa e para a construção da protagonista Halla, esta família ficcional é um exemplo de como a morte afeta e modifica a vida e a convivência entre os membros da família.

Destas relações a que se destaca é a das “irmãs espelho” que se rompe com a morte, esse é o ponto principal do enredo, tal perda torna-se mais destacada por se tratar de gêmeas, há um certo misticismo quanto a este tipo de irmandade, em que uma falta de individualismo por parte deles como se a semelhança de aparência as tornasse apenas uma única pessoa, sentindo juntas. Por esse viés adentraremos a relação das irmãs de *A desumanização* (2017).

1.2 Alteridade da morte na relação das gêmeas Halla e Sigridur

Irmãs gêmeas e idênticas unidas desde a concepção da vida. Há quem diga que em certos casos existe uma ligação extra corpórea entre elas, ao passo que uma pode sentir a dor da outra. A literatura muitas vezes usa deste arquétipo dos irmãos gêmeos, em alguns clássicos como *Esau e Jacó* de Machado de Assis e *Dois Irmãos* romance de Milton Hatoum, são retratados conflitos entre as semelhanças físicas e a diferenças das personalidades, aspectos estes conflitantes. Hugo Mãe traz um ponto que difere do que se é frequentemente abordado sobre os gêmeos, ao retratar esta irmandade separada, não por um conflito de características contrárias, mas sim pela morte. Lemos em *A desumanização* (2017) os meandros do fim irremediável da vida sem capacidade de uni-las novamente em um período de mudanças tão importante como é a infância:

Comparávamos as feridas. Queríamos ter as feridas iguais. Quando tínhamos as feridas iguais até ficávamos felizes. [...] O mercúrio tingia-nos a pele e queríamos que fosse também o mesmo o tamanho da mancha. Como se pintássemos os joelhos com vaidade semelhante às mulheres que pintavam os lábios. Era fundamental que fôssemos cada vez mais gêmeas. Que se notasse. Que tivéssemos um destino comum, uma felicidade comum, um respeito comum, que estivéssemos sempre juntas. (MÃE, 2017, p. 34)

Halla e Sigridur adoravam passear pelos fiordes, nos poucos momentos em que há descrições da convivência direta entre as duas antes da morte. Vemos a ideia de que estão sempre unidas pelas semelhanças, até mesmo suas feridas são idênticas, juntam-se na dor e na alegria, no que fosse bom e/ou ruim, como o mercúrio tóxico e ao mesmo tempo de uma beleza fluída, como um veneno que marca a pele das meninas, na citação acima, é visto como uma maneira de juntá-las mais ainda. Sendo cada vez mais “gêmeas idênticas” que chegam a um ponto de não ocorrer distinção entre elas, assim não haveria maneira de separá-las, já que o importante para elas era a ligação uma com a outra.

Mesmo com a busca pela igualdade máxima entre as irmãs univitelinas, percebe-se certas diferenças, principalmente em suas personalidades. Sigridur era esperta, saudável e mais dominadora entre ambas, ela era responsável pelas brincadeiras, sendo um exemplo para a irmã. Ainda que tivessem a mesma idade era considerada por todos na aldeia como a preferida entre as gêmeas, por isso o choque ao saberem que ela foi a primeira a morrer tão jovem. Enquanto que Halldora (Halla) é a mais franzina e frágil, era constantemente comparada à irmã, em todos os aspectos, tais comparações recheadas de críticas não abalava a relação entre elas, eram amigas e companheiras. Por isso em poucas ou em nenhuma ocasião eram vistas separadas, uma das razões para cimentar a união era o fato de serem as únicas crianças desta da vila cheia de adultos e velhos.

Apesar das suas vontades e de serem cada vez mais iguais, essas duas personagens foram separadas. O artifício dessa separação na trama é justamente a morte, chegando silenciosamente sem aviso ou razão: “Halla e Sigridur, mas do que gêmeas, eram espelho uma da outra. Esse fato torna o processo de luto diferente dos outros, porque, havia entre elas uma relação de completude” (NASCIMENTO, 2016, p. 301). É a impossibilidade de encontrar conforto e amparo em Sigridur, Halla se depara consigo mesma e de agora em diante tem que aprender a viver sozinha. É através da doença de Sigridur que se inicia a despedida entre as irmãs, como vemos logo a seguir:

Quando se apercebeu de estar irremediavelmente doente, talvez muito perto de morrer, a Sigridur perguntou-me: achas que é isto que a Islândia quer de mim. Estaria mais correto perguntar se seria a vontade de deus, mas ela achava que deus era o corpo deitado da Islândia. [...] Vais sentir a minha falta. Halla, tu achas que eu vou poder saber o que passa durante a tua vida e saber se sentes a minha falta. A Sigridur nunca mo havia dito. Eu, tão gémea e espelho, tão esperta de tantas manias, nunca percebera como ela estava desenganada. Talvez encontrasse o sentido da vida na prova do meu afeto. (MÃE, 2017, p. 36)

Trata-se do período que antecede a morte, momento em que as irmãs se despedem com a certeza. A companhia que tinha estará perdida para Halla. Sigridur sente que vai morrer e questiona “vais sentir a minha falta”, demonstrando a sua preocupação em saber como a irmã irá lidar com a separação. Sentem o afastamento contra a vontade, mesmo com a morte querem continuar esta ligação de afeto. Halla finalmente percebe que mesmo buscando unificar suas existências, há coisas que esta não pode saber e sentir pela outra.

Na passagem acima percebemos, como diz Ariès (2012, p. 56), o momento em que se acredita na revisão da vida inteira no momento que se morre. Também que a atitude nesse instante dá à sua biografia um sentido definitivo, uma conclusão. Para Sigridur sua história é contada a partir da irmandade com Halla, sua principal preocupação e com relação a ela, pois sabe que a distância entre elas modificará sua vida. Sua pendência nesse mundo, o sentido de sua vida era vivenciar a irmandade com Halla e isso se rompe com a morte de Sigridur.

Outro costume desse processo de morte são os questionamentos, que apresentam a experiência das personagens Halla e Sigridur como, a exemplo: qual o motivo da nossa existência? Tentar compreender a vida em suas ações e experiências, saber se há um propósito maior por trás de tudo, saber da divindade Islândia e suas razões, dar sentido à vida, que tudo o que viveu não foi em vão. O propósito maior de Sigridur foi a relação de irmandade com Halla, isso fica evidente em suas últimas palavras. Então “a responsabilidade que lhe foi dada a corroía, pois, mesmo tendo sua infância fortemente abalada pela retirada brusca de sua irmã, era criança” (NASCIMENTO, 2016, p. 298), o dever de guardar a imagem de sua irmã era tanto uma forma de reaproximasse de Sigridur, quanto uma prisão pois para manter este ideal a impedia de reconhecer-se isto a desgastava. Essa experiência somada a ruptura da morte que alcança sem razão aparente e rouba para si o ser amado nesta idade onde acontece todas as experiências de mudança que denominam a vida adulta. Halla deixa em parte o seu eu para ser uma outra, no momento de descoberta do fim da infância para começo da adolescência acontecem essas mudanças bruscas, acabam agravando a dor da narradora-protagonista.

É essa a ruptura que marca o percurso de Halla, tudo o que viveu com a irmã e tudo o que sentiu depois afetou bastante a sua vida cotidiana. Sigridur era a sua única companhia, seja por elas serem as únicas crianças na aldeia. A relação das gêmeas surge na narrativa através da morte, a vivência das duas juntas é descrita apenas pelas lembranças dos momentos vividos. No entanto as memórias não são suficientes para preencher o vazio existencial de Halla, em seu desamparo emocional ela sofre com a ideia de crescer e deixar a sua irmã criança, debaixo da

terra. Nos braços do pai Halla deseja que tudo volte a ser como era antes, que sua família seja restaurada:

Gostava que pudesse aparar o meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peço-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, comer menos. Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos... (MÃE, 2017, p. 20)

Vê-se que para Halla crescer é como uma traição à Sigridur. Crescer é mudar e isso significa que ela deixará de ser igual à imagem da irmã, crescer é perder novamente quem tanto ela amou. Em seu desespero perante a transformação busca uma maneira de não crescer, punindo-se por mudar. Para evitar isto quer ser bonsai, permanecer eternamente criança é a única maneira que vislumbra para não deixar que a irmã se vá de vez. Então ela se agarra às lembranças para não deixar que seus momentos felizes em família não se percam completamente, afinal na realidade presente se perdeu com a morte da irmã. Sigridur é a ausência mais presente no texto, pois Halla está sempre buscando a sua companhia, o seu alento e seus conselhos, um anseio em se completar nessa nova vida que se apresenta tão amarga devido a sua família ter sido desfeita pela dor.

Dessa forma, ao mesmo tempo que a protagonista não deseja mudar e sente vontade de morrer, ela sonha com o futuro e assim deseja viver, o que a confunde e por isso se sente culpada por tal conflito. Sua mãe acaba corroborando a origem desses sentimentos tão contrários, enfatizando que se Halla esquecer Sigridur esta última estará perdida.

O lar de Halldora que devia ser um lugar feliz e tranquilo que possibilitasse a sua recuperação, torna-se fonte de seus temores. Seu refúgio é o túmulo da irmã onde busca a sua presença para entender os acontecimentos da sua vida e os seus sentimentos, somente longe de casa pode ser ela mesma e respirar. Como cita o filósofo José Luiz de Souza Maranhão (1987) confusa e triste ela passa pelo processo habitual luto, cinco estágios pelos quais se deve comumente se passa: negação, cólera, barganha, depressão e aceitação. A mãe experimenta esta negação da morte da filha, guardando em Halldora como um receptáculo para a alma de Sigridur, esta barganha não impede que Halla sofra com a violência da mãe. Esta pressão sobre os ombros de Halla levam a um estado de ânimo o ocasiona a desumanização a impedindo de superar o luto.

Tais estágios se confundem no romance, em um primeiro momento a protagonista tem um ponto de vista particular quanto ao luto, ao imaginar que a irmã foi plantada para renascer, passa pelo processo de negação ao imaginar que a irmã ainda permanece viva em si mesma. Essa ideia surge mais uma vez associada à sua mãe, que lhe diz que a alma de sua gêmea permanece nela, essa responsabilidade acaba por agravar o seu sofrer.

Aos poucos surgem a cólera e a depressão. Sigridur e Halla, “a morte da primeira vai determinar à segunda uma espécie de fim” (BRANCO, 2016, p. 284). Por isso um exagero cotidiano é construído na narrativa, que enfatiza a dor de maneira pungente, embora para alguns a morte seja sinônimo de renovação, superação e de autoconhecimento, afinal, em linhas gerais, “a morte é certa” (HAN, 2020, p. 129). Todavia a certeza da morte se relaciona necessariamente ao fato de que se tem de morrer em algum momento, tal certeza é a do “falecer” que por sua vez se distingue a certeza do “morrer”. Essas são duas formas que se correlacionam com dois tipos de relação com a finitude, a morte que é acessível ao temor é o “falecer”, o fim da vida. Permanece fechado ao temor aquela morte que se abre à angústia, a morte acessível à angústia não é o “falecer”, mas sim o “morrer”; esta última direciona a possibilidade de “poder-ser-si-mesmo” como apresenta Byung-Chul Han (2020). Dessa maneira, a morte como morrer não é um mero fim da vida.

Assim, como a vida não pode ser experienciada por outra pessoa, é algo que cada um experimenta sozinho, a exemplo, Han (2020) afirma que é como se várias pessoas pudessem comprar comida, mas apenas você pode comê-las para saciar a si mesmo. Esse temor que rodeia a morte é, sobretudo, fruto do desconhecido, a noção de que a morte é indelegável, aos que vivem, mas ao mesmo tempo alcançável. Afinal, e tudo que é desconhecido é quase que um ensaio para o morrer

A certeza da finitude assusta até os mais fortes de espírito. Mas é através dela que, segundo Han *apud* Heidegger (2020, p.120), “o homem encontra o caminho para o autêntico”, para o seu eu mais intrínseco, um modo de ser genuíno. Outro medo que a morte traz é o de atravessar e encarar o próprio fim. Tais aspectos, a morte de alguém amado foi a experiência mais forte enfrentada pela personagem Halla. Ao perder a sua eterna companheira desde o início do seu existir foram separadas pela morte. Sigridur era a máxima possibilidade do idêntico e do reconhecimento, a completava em suas diferenças. Eram fisicamente iguais e subjetivamente diferentes, cada uma com sua forma de vida. Por isto a morte de Sigridur a afetou tanto, pois quase todos os aspectos da sua vida estão de alguma forma interligados a irmã que se foi, até mesmo as cicatrizes eram iguais. Resumidamente: o aspecto mais elementar da sua existência era Sigridur.

A partir de Lévinas temos a seguinte noção: “o amor pelo outro é a sensação da morte do outro. Não o medo diante da morte que me espera, mas sim meus sentires do outro constitui referência à morte. Confrontarmos-nos com a morte em vista do outro” (HAN, 2020, p. 27 *apud* 1996, p. 116). Com a partida da sua irmã Halldora experimenta o vazio que marca o processo de luto, embora constantemente procure trazer a si mesma para a vida cotidiana. A sua presença no romance é associada a um duplo estado: ser e não-ser. Esta foi uma forma encontrada por Halla para não esquecer Sigridur e ao mesmo tempo alimentar a sua solidão, um abandono autoimposto como fuga para o seu sofrer diário.

Ao longo da narrativa surge o estágio da puberdade, período marcado por mudanças, a transição da infância para a adolescência, mudanças essas que acontecem tanto no corpo, quanto na visão de mundo. É quando há também o nascimento do desejo, da evidência do amor carnal. Chamado pelos pais de “flores de sangue”, (MÃE, 2017, p. 27), o primeiro ciclo menstrual de Halla marcou o começo da sua transformação. Então, Hugo Mãe nos apresenta momentos decisivos do mundo feminino através desta personagem, para isso utiliza-se da sinestesia entre a natureza, as cores a exemplo do vermelho que ao mesmo tempo simboliza a paixão enquanto fonte de vida e força, também a fragilidade como uma delicada flor.

Associado a um estado psicológico perturbado, Halla se depara com o descaso e a violência da mãe que devia apoiá-la, a partir do conflito com a mãe ela fica querendo desaparecer como a irmã, passa a ter vontade de ir para um lugar melhor, mas se vê sem essa opção. Ela acaba tendo que lidar com os constantes tormentos da sua mãe e gradualmente sua vontade de viver se esvai, um sentimento de vazio cresce em seu interior, parece não conseguir sentir mais nada e ao mesmo tempo está sufocada com todos os sentimentos que abriga dentro de si. Todos esses aspectos geram confusão e alimenta nos outros um certo repúdio e temor, por isso a afastam ainda mais da realidade da aldeia islandesa na qual a narrativa se passa.

A partir disso, a dor e agonia vivenciadas pela protagonista a faz perder um pouco a razão, passando, portanto, a viver através dos instintos que crescem em seu ser. Halla vive meia vida tentando lidar com o sofrimento cotidiano passando a ser sempre metade do que antes era inteira, sentindo-se incompleta ela experimenta a desumanização diariamente, não tem mais identidade, pois seus desejos se perderam na imensidão da sua dor passando a buscar incessantemente algum tipo de carinho em meio as inóspitas ilhas do Norte, estas parecem refletir a casa islandesa que Halla mora, igualmente fria, igualmente misteriosa, o lar após a morte de Sigridur nunca mais foi o mesmo. Apesar de sua família também sofrer eles não passam pelo processo de luto juntos, partilhando de seus sentimentos, eles se distanciam cada vez mais, a morte gerou a ruptura familiar. Em meio a isso, a comunidade não entende e apenas

julga o sofrimento de Halla (e também da sua mãe), porém ela não cessa a busca pela sua outra metade, anseia se sentir novamente completa.

Pensa em tais aspectos Han (2020, p. 137) aponta: “essa morte intransponível é, porém, ‘*incorporada*’ no *ser*. A morte é, de fato intransponível, mas não não-incorporável. Ela é incorporada no ser, de modo que o ser, por assim dizer, se torna mais pesado de si, mais próprio”. Lidar com a morte levou Halla a um conhecimento de si mesma, isso se deu após a perda da identidade, ela se lança na autodescoberta, mas somente após o processo de desumanização sofrido. Ao começar o processo de reumanização a protagonista percebe a Islândia, como uma prisão, não mais como possibilidade, isso se dá sob a perspectiva da dor que acabou retirando toda a beleza do lugar.

CAPÍTULO 2 – MORTE E AUTONOMIZAÇÃO DE HALLA

“O amor haveria de curar o medo em muitos sentidos. Haveria de conferir sentido à vida.”
(MÃE, 2017, p. 102)

Vimos anteriormente que a morte é ruptura, seja como experiência derradeira de si ou como vivência da morte do outro em seu grau máximo de alteridade. Mas a morte também é um recomeço em que, segundo o filósofo sul-coreano Byung – Chul Han no livro *Morte e alteridade*, a finitude traz um anseio, o da “liberdade para a morte” (HAN, 2020, p. 17). Morrer tem em si o aspecto libertador de todo o sofrimento (do corpo e da alma). Em algumas culturas, como o Espiritismo acreditam que o vazio traz, apesar do temor do desconhecido e mistério, um recomeço. É para o recomeço que a vida de Halldora se volta. No cume da dor deixada pela partida de Sigridur, a narradora autodiegética deste romance mostra, através de seu olhar feminino e jovem, experiências complexas que remodelam o ser. A partir do inesperado e imprevisto vamos acompanhando sua transformação e sua trilha em busca da liberdade e autonomia.

Vista a partir desse percurso, a partir da perda, em meio a fluxos de consciência, Halla busca uma razão para estar no mundo, em primeira pessoa conta como é preciso darmos sentido à vida e à morte. Narrado por ela no alto dos seus onze anos para os doze, há a descrição ambientes ausentes de carinho, durante o inverno islandês em meio ao frio afetivo em casa e na aldeia que vive, ela descobre desejos outrora desconhecidos, tais desejos ajudam-na a lidar com a desumanização que a rodeia. O companheirismo surge para Halla do inimaginável, soma-se a uma completude em que ela visava.

Este capítulo está dividido em dois momentos, o primeiro é sobre Halla e sua construção da autonomia, está se dá quando a morte a visita novamente, ganhando força própria, ela passa a ser condutora da própria existência. A recente autonomização da narradora-protagonista ao mesmo tempo em que abandona a infância e a casa primeira, a leva a uma nova vida, é sobre essa existência em liberdade e autonomia que nos centramos no último tópico.

2.1 O amor e o processo de autonomia de Halla

A recuperação da perda de um ente querido carece de cuidados, amor, carinho e companhia de amigos e familiares, mas é o oposto disso que vemos em *A desumanização* (2017). Assim, a família de Halla que devia apoiá-la e ampará-la, torna-se uma fonte de opressão e sofrimento, passam a se distanciar dela e a violentá-la. Os aldeões também têm a mesma atitude, passaram a se afastar da menina, e como ela é idêntica à irmã que morreu Halla lembra um fantasma, fazendo sentirem medo e repulsa. Sem amigos, apenas Sigridur era a sua companhia mais próxima e inseparável. A morte da irmã revirou a vida de Halldora. Todavia, o carinho e a compreensão surgem de algum modo na inimaginável na presença do personagem temido, Einar:

[...] era como o interior das baleias. Apenas intuitivo, sem grande instrução. Nunca namores com ele, Halla. Tu nunca namores com o Einar. Não o queiras para nada. Acredita em mim. Tem aquela boca suja que deve infectar as bocas limpas que beijar. (MÃE, 2017, p. 35)

Há uma ênfase no personagem Einar, ele aparece em diversos momentos da narrativa antes da morte de Sigridur. Enquanto as irmãs passeavam pelos fiordes, Halla era advertida pela irmã para evitar os avanços de Einar e jamais se relacionar com ele. Até mesmo em seus últimos momentos de vida ela reitera o aviso para que se mantenha distante de Einar. No trecho acima o personagem é comparado com o interior das baleias, visceral e malcheiroso. Para elas as baleias são animais que impossibilitam o encontro com o ser amado resgam as cartas que foram jogadas ao mar em garrafas como no clássico infantil *Pinóquio* de Carlo Collodi, engole os impedindo de encontra as gêmeas. Visto como não possuidor de inteligência racional, mas apenas de instinto, Einar é animalizado na narrativa. Julgam que ele não é dotado de pensamentos, sem instrução para saber nada, sendo, portanto, levado pelos instintos e pela força. Sua boca é suja, não apenas pela carência de higiene pessoal, mas por que ele representa a grosseria reprovável pelas etiquetas da civilização. Por isso, na passagem citada anteriormente, a boca de Einar pode corromper a pureza com apenas um beijo.

Pouco se conhece do passado desse rapaz islandês, sua idade é desconhecida, o que percebemos é ser mais velho que as gêmeas. Considerado um tolo por ter problemas mentais desconhecidos ao leitor. Para esse personagem, as adoráveis meninas de cabelos loiros são suas namoradas. Einar as seguia pelas paisagens frias da Islândia a pedido de Steindór, uma espécie de “pastor” de Bildudalur, povoado onde vivem, sob os cuidados deste. Os moradores desse lugar têm certa aversão a Einar, contudo ele não é agressivo, é carinhoso e possui uma

compreensão distinta, havendo certa inocência em suas ações e seus pensamentos, mas também com uma complexidade que contraria o esperado por ele.

Quando Sigridur morre aparece em momentos distintos, mas de início não se aproxima de Halla que, pela promessa feita no leito de morte da irmã, rejeita qualquer atenção e contato com Einar, até mesmo durante o avanço dos abusos maternos. Com o passar do tempo uma mistura de sensações envolve a personagem, levando-a a se perder em sua dor. A transformação de Halla se dá também atrelada aos hormônios da puberdade, uma vez que ela está crescendo. As misturas de sensações a fazem intensificar seus sentimentos, ela passa cada vez mais a buscar refúgio longe de sua casa, busca não viver mais de maneira coercitiva. Foi durante uma dessas fugas que Halla encontrou Einar nas fontes termais, como podemos ver na cena abaixo:

Mostrei-lhe a cicatriz que escorria para fora do pano pequeno no meu peito. Era um fusível pelas costelas. Acendia nada. Escurecia-me. Ele já ouvir falar. Achei que estava quase a chorar por mim. Estava comovido. Nunca nenhuma percepção me fora tão revolucionária quanto aquela. (MÃE, 2017, p. 52)

No ápice do processo de luto, quando toda a esperança se esvaiu em Halla, sobrando apenas o desespero e a solidão, quando a sua mãe mostra todo o seu amargor, excedendo sobre a filha as suas atitudes agressivas. A narradora-protagonista encontra Einar, aquele de quem deve manter-se afastada. Ele se aproxima lentamente e vendo-a triste e encolhida questiona “se andava calada pela tristeza” (MÃE, 2017, p. 50). Essa simples pergunta rompe a expectativa de Halla e a faz abrir uma nova percepção acerca dele, a sensibilidade em conter a palavra “tristeza”, tão sentida por ela, demonstra que Einar não se fecha na imagem criada pelos outros. Mostrando a Halla que se importava com ela e seus sentimentos. Percebendo assim que não estava sozinha e que tanto o tolo da aldeia quanto ela são páreas, ambos igualmente incompreendidos. Através desta percepção passa a vê-lo de forma diferente, não como alguém a ser temido, mas um companheiro para desabafar e dividir suas tristezas.

Incompreensão que recai sobre a figura de Einar, forma encontrada por Hugo Mãe fazer de uma imagem “ogra”, de sua aparência física, uma compreensão sutil e inesperada que carrega, em seu interior, sofrimentos advindos do passado. Usando de adjetivos que primeiramente traz a ideia de maldade, a partir da vazão da sensibilidade de Einar vemos a bondade e gentileza que carrega ajudando Halla. Dessa maneira, vemos o fim da figura de antagonista apresentada no primeiro momento do texto como também a sua psicologia submissa como e vista por toda a aldeia.

A partir de uma visão distinta sobre esse personagem há novas características: “O Einar de cristal dentro da cabeça, boca de motor, os olhos de vidro translúcido.” (MÃE, 2017, p. 67). O cristal representa a mente límpida e pura, assim como os seus olhos cristalinos que não escondem maldades, sua boca tem uma força geradora que gerou em Halla uma coragem para enfrentar seus medos e sofrimentos. Como considerado por a uma mudança na sua densidade psicológica que outrora era considerado um vilão em um primeiro momento sob uma imagem bestial. Torna-se o que Franco Jr. (2012) apresenta como personagem secundário bem como plano com tendência a redonda. Como considera Gancho (2001) dentre estes personagens ditos “redondos” a uma divisão quanto as principais características que estes apresentam. “personagens redondos são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em: física; psicológica; social; ideológicas e moral” (2001, p. 13), Einar manifesta uma psicologia tanto física chamando atenção a sua figura.

Dessa forma, Einar contribui para o processo de autonomia da narradora-protagonista, apresentado em conexão com a natureza, as suas ações surpreendem a menina: “mostra-se uma densidade psicológica mediana, embora tenha uma linearidade predominante, no que se refere entre os atributos psicológicos e suas ações, o personagem não reduz totalmente a previsibilidade” (JÚNIOR, 2006, p. 39). A imprevisibilidade marca essa categoria de personagem, como de início era construído como vilão devido a sua aparência, superficialidade que é quebrada pela sua sensibilidade.

Halla percebe que se assemelham, pois ela e Einar são rejeitados pelo povo de Bildudalur, ele pela sua aparência e ela por não entenderem a sua dor. Desse modo, acabam se unindo e com tempo e paciência o tolo da aldeia conquista a confiança irmã “meio morta” como era conhecida Halla: “Eu julgava que era um valente. Subitamente, aparecia como mais e mais honesto aos meus olhos.” (MÃE, 2017, p. 71). Ela percebe a coragem para enfrentar o repúdio, a solidão todos os dias durante anos sem tratar a todos da mesma forma como foi/é tratado. A honesta inocência, o caráter e a bondade de Einar era o que Halldora precisava, ao passo que somente a bondade dela poderia reconhecer todos esses atributos de Einar. Do encontro entre esses personagens surge outros sentimentos, pelo convívio entre Halla e Einar há a presença e descoberta do desejo. Assim, começam a ter relações sexuais, que leva a uma gravidez precoce, Halla engravida aos doze anos:

Andava de mãos na barriga. Queria o meu filho. Carregava-o com cada pensamento. Não correria risco algum de o perder. [...] E eu levava sempre as

mãos a barriga e adorava sentir aquele peso e sentir-me pesada, e esperava todos os ínfimos sinais de movimento. Vivi ansiosa. Ansiava pelo meu filho como quem fizesse o próprio mundo nascer. (MÃE, 2017, p. 90)

O jovem que aparentemente poderia agravar o estado mental de sofrimento de Halla acaba por dá-lhe força. A descoberta de uma nova vida dentro de si alimentou o já quase extinto desejo de viver, trazendo algo pelo qual lutar e ser forte. No excerto, a jovem Halldora já carrega os instintos maternos de proteger o filho colocando as mãos no ventre como é típico das mães. O renascer é representado em sua vida através dessa gravidez. Halla encontra em seu filho o sentido que se perdeu com a morte da irmã Sigridur.

Portanto, carrega o filho não somente em seu ventre, mas em todo o seu ser, apesar de todos os perigos de uma gestação na sua idade. Halla assumiu o cuidado e a responsabilidade necessários para trazer uma vida. Seu filho simboliza um novo começo em meio ao vazio de sua pesada vida, nesse momento sugere, em um mundo completamente novo e por nascer.

Mesmo jovem Halla enxerga o novo começo como um ciclo harmonioso e cheio de positivities. Enquanto sua mãe vê a criança como uma mácula enorme feita contra a imagem de Sigridur, a única que deveria residir em sua irmã gêmea. Há a dupla visão do papel maternal nas duas, esse é também um ponto que marca o antagonismo entre mãe e filha na trama. Halla enquanto mãe é fonte de acalento e cuidado para seu filho e até mesmo para Einar, já a sua mãe gera abandono, não possui carinho pela filha e por si mesma.

Nesse jogo, vemos mais uma vez a importância da mulher como geradora de mundos: “A gravidez nunca podia ser uma coisa má. Não o podia ser. Ela era a manifestação do milagre que as mulheres acendiam.” (MÃE, 2017, p. 84). Um mundo, sobretudo, feminino que possibilita a ascensão de todo o milagre da existência, que vive e traz vida com dor e amor e forma a humanidade. Os homens são apenas uma extensão do corpo feminino, eles contribuem para a criação, mas de maneira geral, a força de Gaia (da terra) faz-se presente nas vidas das mulheres.

Entretanto, Halla se vê novamente diante da morte. Como apresenta Han (2020, p. 26) “Em meio à essa passividade, agita-se novamente uma resistência contra a morte. Ela desperta um amor heroico que deve ser forte como a morte. Ele promete uma "vitória sobre a morte". Após os sofrimentos impostos pela vida Halla enfim essa posse da vida e assim que esta jovem mãe sente quando segura em seus braços o corpo sem vida de seu bebê sente que um mundo possível lhes foi roubado. Outra tormenta se apresenta a Halla em sua vida repleta de tempestades, viu então seu bebê/andorinha voando à boca de deus, alimentado a Islândia. Seu

filho agora fará companhia a Sigridur na solidão da morte, por isso faz preces para que sua irmã encontre seu filho Hilmar e o ensine as coisas da vida que ele não pode experimentar:

Disse-lhe que não aceitava mais ser criança. As crianças não sepultam nos filhos. Quem sepultou um filho não tem idade. Está para lá das idades para lá dos tempos, tem uma posse do mundo que independe de todas as limitações. A intensidade de quem sepultam filho é semelhante à das forças inaugurais ou terminais. Pode fazer e desfazer tudo. (MÃE, 2017, p. 105)

Depois de perder o filho Halla rejeita a infância. como apresenta Han *apud*. Heidegger (2020, p. 17 *apud*., 1979, p. 433) “A morte que seria, na verdade, o fim definitivo do si, traz consigo em ênfase do si”. A morte é um recomeço o fim de uma fase e o início de outra, e neste entre meio uma redescoberta de si sob este novo olhar. Com os sofrimentos amadurece. A dor foi enorme ao enfrentar em contato duas vezes com a morte de quem amava, com a rejeição, com o abandono e com a maternidade interrompida. Todas essas vivências desgastam a jovem personagem tornando a sua vida pesada. Em sua tenra idade experimentou mais dores do que a maioria dos adultos, por isso enxerga a vida de uma maneira mais realista do que antes.

Com essa morte seu mundo foi dilacerado, todavia, quando novamente a morte a visita traz com ela uma força que a impulsiona a querer viver: “O Einar temeu que eu quisesse saltar. Que saltasse também para morrer. Disse que não. Estava mais capaz de matar que de morrer.” (MÃE, 2017, p. 105). Para Halla a existência ganha outro sentido, por isso não teme mais a morte e também não teme viver.

A “possibilidade extrema” que Han (2020) se refere mostra um distinto ponto de vista como uma possibilidade de descobrir tanto de si como dos outros, a morte mostra a brevidade da vida, como ela é passageira e única: “A morte de outros ganha peso porque ela possibilita uma experiência objetiva da morte” (HAN, 2020, p. 130). Para dar valor à vida é necessário lembrar-se da morte, a finitude é uma forma de mostrar como a existência escorre pelas nossas mãos e pode fazer com que enxerguemos o mundo a partir de uma perspectiva distinta, a da consciência cotidiana.

Esse desejo pela morte, substituído pelo de viver que transborda de uma força que antes não possuía, eis a autonomia construída para si ao se libertar e desapegar dos outros que se foram. A morte que antes lhe tomou a vontade, é agora o motivo que lhe dá força para enfrentar todos os obstáculos que se apresentam no caminho de sua existência. Buscando aplacar a dor descobre a autonomia de si mesma.

2.2 A autonomia pela morte e alteridade em prol da reumanização

A vida como um espiral de voltas é dialógica, um processo complexo que pode possibilitar maravilhas ou tormentos devastadores. Dentro dela há a morte que de algum modo traz o fim, um desolamento e ao mesmo tempo uma ideia libertadora para se poder viver a nova vida sem a pessoa que se foi, sem o que perdemos. No entremeio, a necessidade em se dar sentido ao mundo, procurar uma razão para viver sem medos ou qualquer tipo de amarras. A morte impulsiona a vida e a vida impulsiona a morte, são contrários que se completam, embora uma seja adorada e a outra temida, mas não há como convivermos sem uma nem outra:

Deixei de apertar a moeda para dormir. Havia comprado com ela a vida. Limpa ou suja, toda eu me pertencia. Talvez por isso ódio deixasse de ter sentido. Porque o que viria ser depende do que decidisse. Os sentimentos educados, lembrei, os sentimentos educados fazem caber em outras classificações o que nos frustra ou irrita, o que nos agride e mesmo o que nos pode combater até à morte. (MÃE, 2017, p. 113)

Depois de perder o filho, Halla passa por processo de mudança. Ao renegar a infância e abraçar a vida do tempo presente, ela decide viver com Einar deixando para trás a casa em que viveu com a família. A moeda que antes era representada como suja e capaz de corromper a alma, usada para proteção de Halla, será usada para comprar um futuro novo no qual o sofrimento seja apenas uma lembrança triste, a moeda também servirá para adquirir sua liberdade, podendo ser ela mesma sem a presença de Sigridur. Não ser mais receptáculo da irmã morta, mas ser ela mesma: Halldora.

Livre para decidir como seguir, a protagonista deixa todo desamor que sentia pela mãe. Para que esta nova vida seja marcada por sentimentos educados e bons, mesmo que venha a frustração. Halla alimenta-se de positividade, visando mudar o seu destino. Antes, quando alimentava sentimentos ruins, vivia apenas dor, mágoa e aceitação. Então foi ao lado de Einar que a inspirou pelo amor que ela sentiu vontade em traçar uma forma de resistir e viver.

Com isso dá-se fim a primeira parte do livro, com o processo de descoberta da menina-mulher que se encontra mais uma vez sozinha, mas agora por escolha. O desconhecido à frente, cheio de possibilidades, Halla deixa a aldeia islandesa e a família, levando apenas um poema do seu pai para alimentar a alma. Halldora segue rumo ao novo caminho. A autonomia de uma mulher que inicia em liberdade, mostrando-se de forma contrária à da criança que fora. Não aceita mais as decisões parentais que comandam a sua vida.

Com o recomeço distingue-se da morte. “Com a morte, que é sempre apenas como minha morte, tenho diante de mim meu próprio ser. O ser que serei no “último momento” de minha vida, que eu posso ser a cada instante, essa possibilidade é o meu mais próprio ‘eu sou’, ou seja, eu serei meu eu mais próprio” (HAN, 2020, p. 16 *apud* HEIDEGGER, 1979, p. 433), apenas este morrer que vem para romper cotidiano solitário e vazio de Halla, enche-se de outras pessoas que surgem na segunda parte do texto. Abrindo-se a convívios com os demais aldeões, mostrando as suas histórias, não mais fechada na família e em Einar. Essa é a retomada de Halldora à humanidade, aos outros, ao mundo que lhe arroteia.

A desumanização estava antes na solidão, que surge pela constante violências da mãe a distância do pai, mas também da própria aldeia e os seus cidadãos que se afastam da gêmea meio morta tanto por incompreensão a sua dor e medo da sua imagem, há um certo preconceito por parte delas para Halla. O que se modifica a partir do momento em que vai viver com Einar passando a conviver e interagir com os aldeões mesmo que estes ainda guardem certo receio por sua imagem. As mudanças possibilitam também outro tipo de relação com a sua irmã morta. Sigridur não passa a ser um fardo.

Na busca de sua autonomia e na descoberta desta nova vida, Halldora deixa aos poucos de ir visitar o túmulo da irmã, também conhecida como criança plantada. O que antes era o seu único refúgio torna-se a lembrança do seu sofrer, então ela consegue desapegar-se a este local. Revisitar o passado ao ir na criança plantada seria como voltar para a solidão sentida durante o processo de luto.

Pensa neste novo movimento presente na segunda parte do romance: “não acontecia nada à revelia de deus, por mais que o afeto de alguém o merecesse. Não acontecia nada à revelia a morte, a saliente figura do mundo, participante muda, cretina, criminosa jogadora.” (MÃE, 2017, p. 116). Um diálogo sobre a “revelia” que se repete, essa insistência entre a divindade/Islândia e a morte. O duelo de vontades que acontece entre essas divindades que coexistem neste universo, tem uma importância ímpar na maneira de traçar começos e fins. É sob as mãos da divindade que o mundo surge e sob a sua vontade chega ao fim. O deus Islândia que com o seu poder gerador e sob a sua vontade da vida e toma, como instrumento a morte.

Dentro desse contexto, Halla adota uma nova percepção acerca das diferenças entre ela e Sigridur. As desigualdades, anteriormente imperceptíveis, são revistas, agora tornam-se evidentes graças a uma possibilidade de singularização da protagonista. A autonomização acarretou o início da separação das gêmeas, para que Halla possa viver sua existência. Uma morte simbólica distinta opera a divisão definitiva entre as irmãs, a ilusória completude que as unia tem fim devido a ânsia de Halla em viver. Mas para isso tem que deixar Sigridur para trás:

Não era possível continuarmos gêmeas. Pensava. Porque amadurecia e haveria a Sigridur de amadurecer também, até com inclusive, no lado escondido. A nossa similitude haveria de ser outra coisa, algo que eu procuraria ininterruptamente. Algo Indefinido que não tinha nome, não tinha lugar. (MÃE, 2017, p. 151)

Com essa recém descoberta maturidade, Halla percebe que o ideal relacionando a Sigridur precisa ser desconstruído, enfim enxerga a irmã como um ser humano finito, não mais como ideal. Percebe a impossibilidade de igualdade entre elas, a semelhança que tanto buscaram mesmo nas feridas era impossível. Além disso, a imagem da amada irmã estará sempre associada a uma infância sofrida, Halla rejeita essa maneira de continuar a viver. Se antes era: “Eu explicara-lhe que talvez me fosse impossível partir sem aquele pedaço de terra” (MÃE, 2017, p. 88). Qualquer pensamento em deixar a Islândia sem Sigridur era insuportável. Porém, com o amadurecimento, a única certeza da “menos morta” é a de deixar o país como meio de recomeço.

A possibilidade de uma vida plena ao lado de Einar é também o que motiva Halla: “Foi quando encarei o Einar, perplexa com a nossa família. Os dois, ali metidos sem grande comida nem socorro, éramos suficientemente uma família. De dois.” (MÃE, 2017, p. 152). Tomada por outra perspectiva de família. Outra mudança que ocorre na vida de Halldora na nova fase de sua vida é a sua relação com os seus pais que, deteriorada com a morte, principalmente a convivência com a mãe, mesmo que Gudmundur seja uma peça primordial na vida de Halla, há um afastamento entre pai e filha causado pela saída de casa e também pela influência da tia. O desejo cada vez mais constante de mudança a guia para longe de Bildudalur e para longe do pai:

Havia na imagem desolado do casal uma resignação qualquer. Do corpo de um chegava outro a energia única. Percebi, surpresa, que eram unos, mesmo, súbita aí finalmente comungados de tudo como quem chegar a uma decisão, uma conclusão. Fiquei tão incomodada quanto como comovida. Só um afeto maduro poderia resultar na cumplicidade que mostravam ponto trancada igualmente por dentro. (MÃE, 2017, p. 160)

O distanciamento da casa em que viveu tem uma influência positiva na vida de Halla e permite que ela repense certas ações sob outro ponto de vista, como por exemplo, a relação dos pais que ao longo do texto aparece dentro de certos conflitos, especialmente relacionados ao estado melancólico da esposa. Os dois são distintos em suas personalidades e ações. Ao mesmo

tempo há uma aceitação e cumplicidade mútua entre os pais no que diz respeito ao sofrimento após a perda da filha. Um alimenta e protege o outro, seguem juntos pelo mundo que construíram decorrente das decisões tomadas, acabam se afastando do convívio com a filha restante.

Ao distanciar-se dos pais Halla pode enfim se abrir para descobrir esta nova vida que outrora foi incapaz pois era cercada pelas constantes obrigações, por parte do país, de manter a essência da irmã o que impossibilitava a jovem poder conhecer a si mesma como singular não mais como um complemento. Após esta descoberta ao ver os pais como um ser apenas abriu caminho para a reconciliação de Halla com a figura materna: “percebia a Sigridur lá mais adiante. A minha mãe de olhos molhados, a fixar o espelho numa tristeza atônita e profunda. Eu sei, mãe, e pode ser esse assombro. Eu sei o que pode doer.” (MÃE, 2017, p. 143). A mãe está na frente das filhas mesmo que por um espelho, Halla rompe a realidade de dor e melancolia vivida por esta mulher/mãe, e diante disto percebe o quanto a sua progenitora foi afetada pela morte de Sigridur, essa percepção maternal da perda de um filho também foi sentida pela protagonista.

Quanto ao seu pai, mesmo distante: “o meu pai disse: sofro muito por ti, e sofrer por ti ainda é a felicidade que me resta. [...] Quando fugires, toma cuidado. Está para lá das nossas pessoas um tempo de profunda maldade.” (MÃE, 2017, p. 159). Mesmo sendo mais discreto ao demonstrar o seu sofrimento, o pai também abraça a dor da morte. Ele se importa com Halla, ainda que a relação entre eles tenha sido estremecida.

Ao buscar se reconciliar com o mundo e lidar com as dores da morte, Halla e também Einar voltam-se para segredos que rodeiam o passado. Einar descobre a verdade relacionada a morte de seu pai e decide se vingar dos responsáveis pelo crime. Esta decisão o torna cada vez mais instável e acaba por se afastar de Halla. “Ficas preso sem mim. E tu não vais fugir. Não dizes que me deixarás aqui sozinho. Vou matar o Steindór e ficar a olhar para o seu corpo quieto a ver se a amizade que tem com a morte o devolve à vida.” (MÃE, 2017, p. 123). A ideia de perder Halldora é insuportável para Einar, os seus sentimentos por ela deram razão à sua vida que outrora era desprovida de compreensão. Halla se preocupa quanto ao estado frágil da mente de Einar, apesar desse desejo vingativo de reparação, tem certo carinho por Steindór. Com o tempo ela fará com que Einar se arrependa, mas ele terminará preso. Por isso a narradora-protagonista decide cumprir a vingança em nome do seu amado:

Deixei cair a pequena moeda com que costumava dormir. Sujei com ela no chão. Fugir. [...] Percebi absolutamente que o amava. Levava dúvida nenhuma

de ser amada. Teria a vida inteira para lidar com esse sentimento. Sabia que me perdoaria. Pensei. Quem não perdoar só sabe coisas pequenas. (MÃE, 2017, pp. 183-184)

Ao inteirasse que Steindór de e o responsável pela morte de seu pai Einar fica transtornado planejando mata o pastor e a sua agora esposa a tia das gêmeas, ao mesmo tempo em que planeja a fuga da aldeia junto a Halla. durante este o seu ataque de raiva que segue após esta descoberta, Halla percebendo o quanto estes sentimentos controversos trarão severas consequências a já frágil estado mental do amado que toma para si a responsabilidade de vingar a desumanização causada ao jovem e ao seu pai Oskar, feita pela sua própria tia e pelo pastor da aldeia. Usando o fogo como símbolo divino da purificação, ela mata os culpados e enfim foge. A moeda ressurgue na narrativa, representando o valor de troca para comprar a nova vida. Ao final vislumbramos todo o peso que Halldora deixa para trás ao fugir. Um dos tantos simbolismos presentes nesse texto, há o fogo que historicamente ganhou diversos significados tanto o de acolher com o seu calor como de destruição: “Sem o fogo, na Islândia gelado do inverno não sobreviveremos. O fogo era a mão quente de Deus. Estendidas sobre nós por generosidade. O fogo era anfitrião.” (MÃE, 2017, p. 132). O fogo também denota a vontade de transformação da vida que Halldora anseia após a morte.

Essa relação com a morte acaba por sob uma nova visão ascender a vontade de viver que põe um fim a o sofrimento que Halla ausência da irmã que leva a esta desumanização com todos os que a rodeia. Apenas Einar com sua inocência quebra aos poucos a solidão que se tornou a vida de Halla, com ele surge os anseios da carne e o amor. “A amor promete um "sentido" infinito, "que emerge sobre a morte". Ama-se, por assim dizer, contra a morte, do finito, porém, não parte, nenhum poder ético a morte re-age ou a ênfase do eu ou com o amor heroico” (HAN, 2020, p. 28-29 LÉVINAS, 1996, p.53), e esse amor que sente que leva a reumanização.

Halla foge não por incerteza, mas sim por amor, afinal não há mais dúvidas quanto a vida e a morte. Todas foram sanadas com a certeza do amor, se sentir amada por si mesma e pelo outro a trouxe liberdade. Passa a viver sem arrependimento, mesmo que tenha que o seu lugar de origem e se aventurar pelo mundo. O amor perdoa, liberta e possibilita criar novos mundos, enquanto o egoísmo é capaz de subjugar a alma. A relação presente entre o amor e a morte é perceptível durante a narrativa. A finitude não faz o amor desaparecer, a ausência do ente querido também permite o encontro alteritário com o outro, transformando a perda em uma saudade genuína, aplacando a busca ilusória em reviver o ser amado. Aprender a morrer e a

deixar a morte acontecer faz do esclarecimento máximo sobre a vida, isso foi fundamental para a reumanização de Halla que agora encontra o devir, a abertura para outra existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte, enquanto processo da vida, é a única certeza que temos. Mesmo que ainda haja a tentativa de superá-la devido ao medo do mistério e desconhecido que cerca a finitude, afinal não há quem a tenha experimentado e sobrevivido para contar, a única maneira possível de vivenciá-la é através da morte do outro. A alteridade intrínseca a esse momento pode fazer surgir vários sentimentos no sobrevivente, podendo modificar sua relação com o outro e com si mesmo, com sua vida cotidiana e seu estado emocional.

A morte ainda é um tabu, muitos não querem encará-la. Por essa razão a leitura e interpretação de *A desumanização* (2017) buscou pensar a condição humana da separação presente na relação das irmãs gêmeas unidas desde o início da vida, para compreender como a morte do outro afeta a irmã que fica e como a morte modifica sua percepção sobre a existência. O processo de luto recriado pelo autor pode ser visto a partir da inocência de uma criança. Halla se depara com a finitude em plena fase de mudanças notáveis que é a puberdade. Todas as pessoas que participam da sua vida de algum modo a marcaram. Uma das razões que afeta a protagonista foi a morte de Sigridur, sua igual. Nesse sentido, um ciclo que se fecha na vida de Halla e com isso todos os momentos bons vividos ao lado da irmã se esvaem frente ao sofrimento familiar. Apenas depois ela se depara com a possibilidade de criar novas lembranças para si, mais amenas, sem a tinta da dor.

Sendo assim, analisar como a morte do outro (Sigridur) afetou a personagem Halla, evidenciando como a alteridade com a morte afeta a relação entre as irmãs gêmeas. Identificamos como a morte está representada no romance *A desumanização* (2017) como a morte modifica a vida de quem fica ao ponto de causar a ruptura nas relações familiares. Para isso a relação dos pais, com base nos estudos de Freud acerca do luto e melancolia, é marcada pela perda da filha. A reação melancólica afetou, sobretudo, a vida da mãe que violenta Halla em seu processo de luto.

E assim compreendemos a relação das gêmeas tendo a morte como centro. Viu-se que ao mesmo tempo em que Halla lida com ausência da irmã, a vida dela vai sendo transformada. Se antes a relação das duas era marcada pela busca por similitude cada vez maior, essa busca teve fim com a morte, possibilitando Halla traçar seu processo de singularização e autonomia, uma vez que Sigridur era a mais dominante entre as duas. A morte de Sigridur afetou tanto a família, ao ponto de causar a desumanização deles e sobretudo da protagonista, que vive cheia de mágoas e sofrimento. Sublinhamos que Halla, nesse primeiro momento da narrativa, deixou de lado a sua vida cotidiana e tinha como refúgio o túmulo da irmã.

A morte foi o principal motivo para a desumanização de Halla, pela carência de contato humano e pelos os maus tratos durante esse momento difícil da narrativa. Sem entender a desumanidade e como a vida chegou a tal ponto, algo inédito aconteceu na vida da menina. Aos poucos ela foi se desacompanhando da irmã Sigridur, para a sua autonomia. Nesse ínterim, o personagem Einar mostrou-se como o único a compreender a sua dor, sentindo a perda junto com Halla, de maneira empática.

Assim, graças ao reencontro, como analisamos a protagonista percebe que Einar é companheiro, sensível e confidente, ele se tornou um refúgio para ela como também por sua busca por liberdade. Lemos essa experiência como outro ponto de força, uma vez que Halla passa a enfrentar suas dores pelo filho. Por isso Hilmar foi por algum tempo a sua esperança em um mundo melhor. Porém, após perder o filho, o que deveria ser mais uma perda que agravaria o sentimento de desolação, a força para Halla sair da casa dos pais e ir morar com Einar surge.

No último tópico do capítulo dois, nos debruçamos sobre a transformação de Halla. Ela possui uma percepção inteiramente nova em relação ao seus pais e a sua irmã. Antes era submissa ao ideal da irmã, mas na segunda parte do romance vemos a tomada de sua autonomia para escolher seu destino, processo este ligado à sua reumanização. Neste momento percebemos uma ruptura de outro nível com a irmã Sigridur. Halla passa a se enxergar enquanto mulher e não mais como criança.

Se antes acontecia o que sugere o título do romance, um processo de desumanização, em que afastada da família, sem dignidade, cheia de sentimentos controversos; depois há a reumanização de si mesma. Em liberdade, uma vez que rompeu com o modelo familiar de luto, cheio de melancolia. Halla traça nova geografia para si, uma distante da divindade Islândia e sua relação com a morte.

Por esse motivo analisamos a ruptura causada pela morte, uma vez que esta modifica o sobrevivente. A ausência de Sigridur confundiu e afetou psíquica e fisicamente Halla, porém o processo de cura apenas começou e só vemos seu início com o desfecho da narrativa. Não mais marcada pelo passado vivido em comum, a protagonista quebra o ciclo de convivência que a reprimia.

A vida de Halla mostrou-se enquanto um espiral, um trajeto complexo que lhe proporcionou felicidades sublimes e dores devastadoras. A sua relação com a morte, sem que soubesse de início, também lhe trouxe liberdade, somente assim pode pensar em viver uma vida diferente, sem ser a sombra de Sigridur. Criou seu sentido no mundo e encontrou uma razão para viver sem medos e outros tipos de amarras.

Valter Hugo Mãe abordou, a partir dessa produção literária, não somente a morte, mas também temas circundantes a ela. A desumanização traz uma nova visão da vida e morte, mas acima de tudo do amor. *A desumanização* (2017) descontrói o tabu em torno da experiência da finitude, por esta razão o nosso estudo se fez válido? Seja pela humanidade que suscita, seja pela recriação de um futuro cuja lembrança da morte nos faz ser quem realmente somos: igualmente livres, ansiando amar e dar amor.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BOSI, Alfredo. *A interpretação da obra literária*. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Ática, 1988, pp. 461-467.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRANCO, Rosa Alice. A humanização In. NOGUEIRA, Carlos (org.) – **Nenhuma Palavra É Exata: Estudos sobre a Obra de Valter Hugo Mãe**. Porto: Porto Editora, 2016. p. 277 a 292
- BULFINCH, Thomas, 1796-1867 **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, 2002.
- CANDIDO, Antonio [et al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- NASCIMENTO, Rafaela de Lira. Morte e Construção identitária: analisando o luto nas personagens de Valter Hugo Mãe. In. NOGUEIRA, Carlos (org.) – **Nenhuma Palavra É Exata: Estudos sobre a Obra de Valter Hugo Mãe**. Porto: Porto Editora, 2016. p. 293- 305
- SOUZA MARANHÃO, José Luiz de. **O que é morte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- FRANCO JR, Arnaldo. *Operadores de leitura da narrativa*. In: BONNICI, Tomas e ZOLIN, Lúcia Osana.(org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, v. 3, 2012.
- FREUD, Sigmund [1856-1939]. **Luto e melancolia**: Sigmund Freud. Textos: Maria Rita Kehl, Modesto Carone, Urania Tourinho Peres. Tradução, Introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- HAN, Byung-Chul. Morte e Alteridade. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Ed. Ática, 2001.
- MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- SARTRE, Jean-Paul, 1905-1980. **Entre quatro paredes**. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BERGEZ, Daniel. A crítica temática. In: BERGEZ, Daniel [et. al.]. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 97-141.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários*. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. 4, 2015.

ROANI, Gerson Luiz. **Sob o vermelho dos cravos de abril Literatura e Revolução no Portugal Contemporâneo**. Revista Letras, v. 64, 2004.